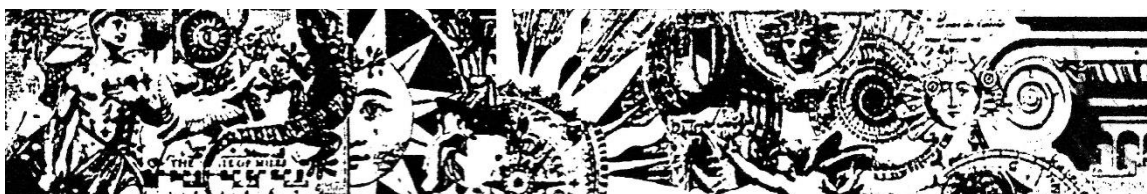




# GEOGRAFIA RESSIGNIFICADA

■ MARIA APARECIDA CARDOSO SANTOS<sup>1</sup>

Professora Adjunta do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: cardoso.aparecida@gmail.com



O presente texto surge a partir de um convite feito pela equipe editorial da Revista Espaço e Cultura para que eu desse meu depoimento sobre esta publicação pela ocasião em que se comemoram seus 25 anos de existência.

O convite, que me deixou profundamente emocionada, honrada e feliz, me remeteu a um momento muito importante da minha vida sobre o qual é preciso falar a fim de que seja possível compreender a importância que a professora Zeny e a Revista Espaço e Cultura tiveram no meu percurso de desenvolvimento profissional e pessoal.

Em 1996, mais precisamente no dia primeiro de abril, eu – recém-formada no curso de Letras da UERJ – iniciava meu contrato de trabalho como revisora de textos no Núcleo de Apoio a Publicações de Extensão (NAPE) vinculado ao Departamento de Extensão e Cultura da então Sub-reitoria de Extensão e Cultura (SR-3).

O NAPE, como o próprio nome diz, prestava apoio a todos os departamentos e/ou setores que quisessem desenvolver a publicação de revistas acadêmicas. Seu apoio consistia na oferta dos seguintes serviços: programação visual, voltada para a elaboração do projeto gráfico e para a criação da identidade visual da revista, diagramação e revisão textual. Por ele passavam muitas publicações como a Revista Espaço e Cultura da qual me tornei revisora em 1997 e da qual continuei revisora até o ano de 2001, alguns meses antes de me desligar do NAPE, em 2002.

Durante este tempo, tive a honra de conhecer os professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, fundadores da Revista, cujas generosidade e acuidade intelectual me encantaram e me abriram um novo campo de conhecimento: o da Geografia Cultural. A cada número, um encantamento novo. A cada conversa com a professora Zeny – que se transformou em amiga muito querida – um novo aprendizado surgido a partir dos diálogos motivados pelas dúvidas que eram suscitadas durante a revisão dos artigos.

A cada leitura e a cada troca eu penetrava no universo do Sagrado e me encantava com uma geografia que jamais aprendera na escola. Lembro-me de um dia ter confidenciado à professora Zeny que eu sempre fora péssima aluna de Geografia e que teria tido uma percepção muito diferente da disciplina se tivesse tido contato com os temas amplos e transculturais presentes nos textos publicados na Espaço e Cultura.

A chegada de cada artigo novo da revista vinha acompanhada da certeza do conhecimento ampliado e da inserção nas espacialidades/territorialidades do sagrado e dos lugares tornados sagrados por meio dos ritos. Os temas me agradavam, me seduziam, me prendiam e a revisão era muitas vezes um pouco mais demorada porque era também leitura que não poderia simplesmente ser feita depois, quando da publicação de cada número.

As dúvidas de que falei acima deram origem a conversas muito boas e proveitosas com a professora Zeny, na maioria das vezes, e com o professor Lobato, algumas poucas vezes, a tal ponto que a revista Espaço e Cultura – que já fazia parte da minha vida – se tornou também parte do *corpus* da minha dissertação de mestrado cujo objetivo era apresentar questões relativas ao processo de revisão de textos acadêmicos. Pode-se dizer que a Geografia Cultural ultrapassou as fronteiras do Sagrado para atingir o universo das Letras como objeto de estudo e de pesquisa.

Durante os seis anos em que trabalhei no NAPE, fui a responsável pela revisão ininterrupta dos números 3 a 11 e pude acompanhar todo o processo de estudo para a mudança do projeto gráfico da revista cuja capa deixava de ser a gravura *Casa de Fabricação de Farinha*, de Percy Lau (Figura 1) e passava a ser a gravura *Panorama da Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles. (Figura 2), sinalizando novos tempos que eram simbolizados pela passagem de uma capa monocromática para uma capa policromática.

Em janeiro de 2002, encerrei com o NAPE/DEPEXT o contrato que já durava pouco mais de 5 anos. Todavia, não encerrei meu contato com a professora Zeny nem com a revista Espaço e Cultura.

Neste sentido, em 2008, de volta à UERJ já como professora efetiva, fui convidada pela professora Zeny a assumir a revisão da edição comemorativa dos 15 anos da Espaço e Cultura. Esta colaboração tão grata e produtiva se estendeu entre os anos de 2010 a 2012, período em que me ocupei da revisão dos números 28 a 32 da Espaço e Cultura.

Minha relação com a revista, iniciada de forma concreta há 23 anos, me possibilitou ser uma testemunha privilegiada dos seu processo de evolução e do seu crescimento rumo à excelência, que inclui a adesão à modernidade das publicações virtuais.

Hoje, na condição de apenas leitora, não deixo de acompanhar a publicação das edições uma vez que a leitura de cada artigo me permite ampliar meu conhecimento de mundo bem como aprofundar o entendimento das territorialidades e das linguagens do sagrado, reconfigurar as paisagens e ressignificar de maneira enfática a geografia, alargando de forma magistral os limites impostos pela minha limitada experiência pessoal com a geografia escolar.

Há 25 anos, mais precisamente no ano de 1995, os egrégios professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa ousaram criar a Revista Espaço e Cultura e a ela dedicaram parte considerável de suas vidas acadêmicas, envidando todos os esforços necessários ao seu progresso e ao seu reconhecimento. O trabalho dos professores foi profícuo e isto se comprova pela quantidade de alunos – bolsistas ou voluntários – que se engajam tanto no trabalho editorial quanto na pesquisa que a revista enseja, desde a graduação até a pós-graduação.

Não pode haver dúvida de que todo o esforço envidado pelos professores não foi em vão uma vez que, 25 anos e 48 números depois, a Espaço e Cultura encontra-se consolidada no meio acadêmico e pode ser contada como referência entre as melhores revistas que, no mundo, dedicam-se à difusão do conhecimento produzido no âmbito da Geografia Humana. Que venham, no mínimo, mais 25 anos!

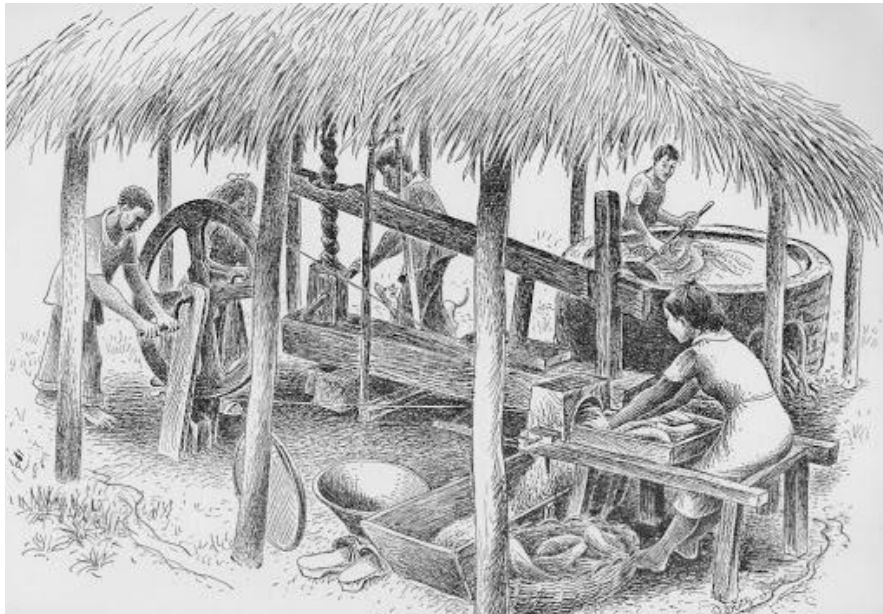


Figura 1: Casa de Fabricação de Farinha  
Foto: Percy Lau, 1956.



Figura 2: Panorama da Primeira Missa no Brasil  
Fonte: Victor Meirelles, 1860.